

MANUSCRITO: CONTOS
TÍTULO: DOIS QUARTOS E MAIS
TOTAL DE PÁGINAS: 010
DATA: 01/11/1972

DOIS QUARTOS

A MAIS

conto policial por

Paulo Coelho

novembro 1972

Infelizmente não posso mais confiar em mãe. Suas opiniões sempre me ajudaram muito, mas agora que ela instalou um laboratório de alquimia na cozinha e vive com um livro de Jung ou Hermes Trimegistus debaixo do braço, seu mundo já não é mais o meu. Ou melhor dizendo, tenho a impressão de que ela considerou meu problema de uma forma simples demais.

Enfim, não posso dizer que muita coisa tenha mudado desde que me separei dela para vir morar neste apartamento, a cinco anos atrás. O emprego ainda é o mesmo, nenhum caso de amor digno de nota, os amigos foram acrescidos de um ou dois vizinhos que me incomodam toda hora pedindo para telefonar (excetuando-se a mulher do egiptólogo, mas isto é um caso a parte ao qual me referirei mais adiante). O personagem principal da única novela que assisto continua com os mesmos problemas da época em que eu morava com mamãe. Não comprei nenhum vestido neste meio tempo. Só uma coisa mudou, a única coisa sobre a qual eu não tenho um controle objetivo: meus sonhos.

Na realidade, eu nunca fui uma mulher que deu grande importância para o que se passa quando alguém está adormecido. Sempre achei que o ato de dormir é um mero descanso para o corpo, e estas tentativas de interpretar o inconsciente de uma pessoa que passou o dia inteiro bantendo a máquina ou entregando pão, não passam de invenção (bem sucedida, aliás) de uma meia dúzia de entediados com a vida que estavam em busca de uma boa oportunidade de se divertir com o mundo.

Tampouco acredito que sonhos tenham quaisquer relações com sorte. Todos os palpites que tive quando sonhava com números resultaram em bilhetes de loteria tão furados quanto os que

eu comprava baseando-me num cálculo de probabilidades complicadíssimo que tirei de uma revista americana. Teve uma época em que um livro de Interpretação de Sonhos esteve muito na moda (diziam que o tal livro fora encontrado na tumba de um príncipe babilônio) e a gente passou momentos divertidíssimos com um exemplar que tinha na repartição. Mas desde então, se não me engano, ninguém mais conversou sobre sonhos, e dado o estado de espírito que me encontro no momento, não sei se este é um fato corriqueiro ou se qualquer coisa estranha e suspeita se esconde atrás desta atitude.

Os dados acima resumem de uma forma completa, irreduzível e definitiva tudo o que pensava a respeito de sonhos, assunto, aliás, que nunca me preocupou muito até o dia em que me mudei para este apartamento.

Procurarei ser a mais objetiva possível: todos os meus sonhos transformaram-se num sonho só. Comecei a perceber isto na segunda noite que passei aqui, já fazem cinco anos. Estranhei muito, a princípio - a repetição de um sonho nunca tinha acontecido comigo - mas depois passei a não ligar. Tive épocas, inclusive, que considerava de uma extrema monotonia sonhar sempre com a mesma coisa. De uma forma ou de outra, porém, eu não teria me preocupado muito com isto se minha capacidade de produção não tivesse sido abalada.

Passei a dormir mal. Não conseguia mais descansar com aquela história se repetindo sempre, num tédio desesperador. Para me distrair, comecei a decorar os pequenos detalhes de um cenário aparentemente simples, onde se desenrolava uma trama despida de maiores

sensações. Minto: há um momento, já quase no final (mas muito antes que o mesmo aconteça) onde a gente sente que a história pode ganhar rumos novos e excitantes. Mas tal não acontece, uma solução dramática banal vem destruir todas as esperanças de um grande espetáculo.

Mas como eu ia dizendo, passei a decorar os mais minuciosos detalhes, avaliar peso e medida dos objetos em cena, e em pouco tempo reproduzi tudo ~~minuti~~ num caderno de desenhos. Escrevi nas margens o desenrolar da história, cronometrando o tempo imaginário no qual, segundo eu, as coisas aconteciam. Dois anos depois não havia virgula que não tivesse colocado, fio de cabelo que não tivesse percebido. Mas o sonho continuou, e abandonei o tal processo.

Foi este meu grande erro.

Dois anos e seis meses depois tive um pequeno acesso de exasperação, certa manhã. Mas como sou muito controlada, tais acessos não se repetiram mais. Posso dizer inclusive que meu estado hoje - quando o problema se apresenta mais grave que nunca - está muito distante de qualquer sintoma de histeria ou esquizofrenia. Estou perfeitamente calma, capaz de por um lápis em pé no braço da cadeira, ou rodar um pião na unha do dedo polegar. Tenho a meu favor também o fato de que sempre fui muito difícil de suggestionar. Um tio meu, hipnotizador, desistiu de colocar-me em letargia (o que, ~~em~~ afianç de contas, não significa muito para mim, visto que considero um profundo exibicionismo alguém cair no sono com as ~~as~~ palavras de meu tio - o que as pessoas que fazem isto estão tentando é chamar a atenção da platéia para si mesmas, vedetismo inútil). Os vendedores desistiram de bater em minha porta para mostrar-me seus produtos mágicos, já que sempre voltavam de mãos abanando sem que para isto eu

fosse obrigada a recorrer a métodos pouco educados. Enfim, tenho provas suficientes de meu profundo senso de realidade, e o que estou contando merece ser encarado da forma mais séria possível.

Meu sonho é simples. Nele, esta casa tem dois quartos a mais. Entro por uma pequena saleta e logo vou dar num local quadrado, sem janelas, com uma cama de casal arrumada, uma mesa de cabeceira onde se empinham dois livros sem títulos, e um pequeno abajour no canto direito de quem entra. Saio deste quarto, torno a passar pelo pequeno hall e entro numa espécie de sala de estar, também sem janelas e tão fria quanto o quarto. Duas poltronas de couro meio tradicionais, uma mesa de mármore que considero de profundo mau gosto por causa de seus pés em forma de palito, e um cinzeiro com cinza dentro. Esta cinza é que eu considero o momento culminante do meu sonho; de uma forma ou de outra, está denunciando a presença de alguém naquele quarto. Espero uns momentos e saio novamente para a pequena saleta, daí para meu quarto de dormir, e então acordo. Não se passam mais de 5 minutos, se tanto.

A primeira vez que contei meu sonho eu e mamãe estávamos passeando num pequeno parque que tem perto de sua casa. "Você está mais magra" ela disse, "parece que não anda dormindo e comendo direito". Era a milionésima vez que eu ouvia a mesma e desgastada frase. No entanto, resolvi aproveitar a oportunidade.

- Trata-se de um sonho que tenho tido - eu falava

depressa a fim de evitar uma possível interrupção - e isto tem me preocupado muito.

Seus olhos brilharam. Depois de muitos ~~em~~ anos ela tinha sua primeira chance de conhecer minha alma, através de todos aqueles livros de psicologia que andara lendo desde que resolvi morar sózinha. Pediu-me para que contasse tudo, nos mínimos detalhes. E assim foi.

Quando acabei, o tédio de meu sonho tinha penetrado nela; seus olhos estavam agora vazios e inexpressivos. Durante alguns minutos ainda tentou encaixar meu sonho num Complexo de Édipo que sempre suspeitara em mim - talvez por causa da morte do papai, quando eu tinha dois anos - mas logo viu que não dava resultado e puxou outro assunto. A partir daquele dia, não a vi mais às voltas com Freud, Adler, e outros da velha guarda. Muito pelo contrário, adotou Jung como seu mestre e a cozinha lá de casa transformou-se num verdadeiro laboratório de alquimia.

Fiquei meio assustada, é claro, apesar de estar convencida não existia ~~consciência~~ de que/nenhuma relação entre a estranha atitude de mamãe e meu monótono sonho. Por via das dúvidas, porém, resolvi ficar calada a este respeito.

Não consegui manter minha decisão por muito tempo. Semanas depois de meu incidente com mamãe mudou-se para o apartamento vizinho ao meu uma senhora muito simpática, que logo se tornou minha amiga. Entre outras coisas interessantes e novas, fiquei sabendo que era viúva de um historiador, especializado em Egiptologia. Há um mez atrás, numa conversa entre as prateleiras do supermercado, ela me falou a respeito da maldição de Tutankamon.

Tutankamon não foi um faraó muito importante, nem muito rico, mas acontece que seu túmulo foi um dos poucos encontrados intactos. Seu descobridor, Lord Carnavaron, morreu alguns meses depois, de doença completamente desconhecida. Pouco a pouco foram desaparecendo os outros membros da expedição, a ponto de todos os jornais do mundo chamarem a atenção para o fato, que ficou sendo oficialmente conhecido como "A Maldição de Tutankamon".

Assim que minha vizinha acabou de contar esta história, pensei imediatamente em mamãe e em suas reações estranhas depois que lhe contei o sonho. Minha vizinha percebeu logo que alguma coisa estava me preocupando, e pediu-me para contar o que era. Neguei qualquer relação com o que me dissera, mas ela era mais espicaz que eu, e passou a usar as mais variadas artimanhas possíveis .

Resisti bravamente durante quase cinco dias, mas minha situação era desesperadora e eu precisava de ajuda. E já que os conhecimentos técnicos de mamãe não tinham adiantado nada, que sabe um pouco de ocultismo e magia dariam resultado? Minha vizinha conhecia a fundo os cerimoniais de Osíris - um deus egípcio - e aplicava seu conhecimento tanto para cozinhar um ovo sem gás como para curar a filha do porteiro de uma gripsela no pé direito. Talvez pudesse encontrar uma solução para meu problema. Então um dia, depois de um jantar agradável, resolvi lhe contar tudo.

Assim que comecei a falar, tive p presentimento de que algo desagradável iria acontecer. Percebi que minha vizinha ia ficando cada vez mais decepcionada a medida que eu lhe relatava meu sonho (afinal de contas, passou dias e noites tentando elaborar histórias

incríveis a meu respeito, e agora lhe vinha eu com algo tão pouco emocionante!). Tentei salvar a situação, salgando alguns detalhes aqui e acolá, mas o resultado foi pior. Antes mesmo que eu lhe fizesse a famosa pergunta "o que é que voce acha que isto significa?" minha vizinha já estava de partida com um pretexto propositadamente mal elaborado.

No dia seguinte ela me cumprimentou como sempre, mas antes que eu tivesse tempo de responder, despediu-se e tomou um táxi. Isto fez com que eu me sentisse a mulher mais desinteressante do mundo; nenhum segredo que excitasse alguém, nenhum acontecimento fora da desagradável rotina do ir e vir ao trabalho. Tornei a ver minha vizinha mais uma vez, no supermercado, e trocamos comentários furtivos sobre a possibilidade de um ensolarado fim de semana. ~~Existe~~ Dois dias depois ela se suicidou.

Em vão seus parentes buscaram algum motivo. Por outro lado, os jornais tentaram reviver a Maldição de Tutankamon, dizendo que a morte se devia a um manuscrito que seu marido traduzira para o British Museum. Quanto a mim, eu procurava desesperadamente acreditar no que os jornais diziam, mas sabia no íntimo que não era verdade.

A partir deste instante, ~~meu~~ ~~existia~~ o sonho que entediava minhas noites passou a me apavorar. Que espécie de papel me estaria sendo reservado? Seria eu invulnerável à sua maldição? Ou os incidentes com mamãe e com a vizinha não passaram de simples coin-

cidências às quais eu não deveria dar maior importância? O fato é que resolvi não por a prova esta última dúvida, e prometi ficar calada mesmo que tivesse de me torturar o resto da vida. Sorte minha, pois a tres semanas atrás, quando voltava da missa de sétimo dia de minha vizinha(resolvi ir para que ninguém suspeitasse de mim), um fenômeno aparentemente idiota veio me ajudar a compreender o intrincado problema que estava dominando minha vida: ao entrar na sala, reparei que meu ferro de engomar havia desaparecido.

Foi o sinal de alarme. Eu tinha deixado o ferro na mesa, antes de sair, porque havia passado meu vestido negro com ele. Nada fora roubado; mas o ferro de engomar não estava no lugar onde deixei.

Naquela noite eu fui dormir mais cedo, para confirmar rápido minhas suspeitas. Quando entrei, em sonho, no primeiro quarto, o ferro estava ali, embaixo da cama, com o mesmo fio emendado com fita durex. Prestei bastante atenção e lá estavam também canetas que nunca mais vi, pedaços de papel que nunca consegui achar, um relógio antigo que eu pensei que a empregada tivesse roubado. Resumindo, ali estavam todos aqueles objetos que a gente " não sabe onde colocou". Ah, se eu tivesse continuado a prestar atenção ^{no} meu sonho!

Daf em diante tudo se desenvolve extremamente rápido. No diaseguinte coloquei uma dúzia de ovos no lugar onde supunha ter deixado o ferro. Vi os ovos à noite, no meu sonho. Passei as

tres últimas semanas "transfendo" coisas para o sonho: giletes usadas, chicaras de café, livros que não me interessavam mais. Alguns dias atrás percebi o prigo de tal procedimento: eu nunca me livraria destes objetos, teria que revive-los toda noite, poluiria meu sonho com algo desagradável à vista. Comprei flores, portanto, e coloquei na mesa. Ao voltar do trabalho aquela tarde, não só as flores, mas também a mesa havia desaparecido.

Ontem eu estava cansada demais e fui dormir sem fazer a brincadeira de costume. No meio do sono percebi então meu grande erro: os dois quartos agora tinham portas e janelas.

Estou sózinha. Não posso mais sair, a porta não existe mais. A luz está acesa, e não sei quem vai pagar esta conta. Faz pouco tempo que acordei, e posso agora resistir um longo período sem dormir. O inquilino anterior percebeu a tempo, e fugiu, apesar de alguns móveis irremediavelmente perdidos. As janelas não existem mais, e me preocupa muito a luz acesa.

Ainda faltam minha estante de livros, guarda roupa, vasos e bateria de cozinha. Por uma certa vivencia de meu sonho, sei que os móveis irão antes, mas um dia eu terminarei também sendo "transferida".

Na verdade, minha única preocupação é este gasto inútil de luz. ~~xxx~~ Mamãe vai ter que pagar a conta, e ela não an-

da com muito dinheiro, coitada.

De qualquer forma fico contente por meu sonho não ter sido tão entediante assim. Eu tenho uma boa história para contar quando começarem as conversas "sabe o que que aconteceu comigo". E quanto mais não seja, agora um dos quartos tem uma porta, e isto me tranquiliza muito. Quando chegar lá vou abri-la, e ela pode dar para espaços do sonho que eu não conhecia antes.

novembro 1972